



ENTRE A INVISIBILIDADE E A MATRIPOTÊNCIA: LEITURAS DE UMA ECLESIOLOGIA FEMINISTA AFRICANA

Between invisibility and matripotency:
Readings from an African feminist ecclesiology

Nancy Cardoso*

Resumo: Este artigo organiza leituras e vivências de África, em particular de Angola, sobre a história de resistência das mulheres no cristianismo colonial e a busca de uma teologia contextual, feminista e africana; o artigo tem caráter introdutório fruto do período inicial de convivência e aprendizagem da autora em Angola.

Palavras-chave: Mulher. África. Angola. Eclesiologia. Feminismo.

Abstract: This article organizes readings and experiences from Africa, particularly from Angola, on the history of women's resistance in colonial Christianity and the search for a contextual, feminist and African theology; The article has an introductory character, the result of the author's initial period of coexistence and learning in Angola.

Keywords: Woman. Africa. Angola. Ecclesiology. Feminism.

Considerações iniciais

Kimpa Vita é uma pedra rejeitada que deve se tornar a pedra angular na construção de África e seus modos de ser igrejas. Ela é uma página intencionalmente esquecida na história africana, pelas teologias dos homens e suas igrejas, mas agora é preciso ser reescrita pelas próprias africanas, como já havia dito Patrice E. Lumumba. Maior que a Joana d'Arc francesa e

* Professora de teologia na Universidade Metodista de Angola. E-mail: nancycptro@gmail.com. Agradeço a companhia e a partilha com Elvira Cazombo e Maria Abel Gamboa a quem devo o ânimo para esta reflexão a caminho.

queimada como ela, Kimpa Vita rejeitou radicalmente a alienação religiosa ocidental, a dominação e a formatação da espiritualidade no modelo colonial europeu¹.

Dona Beatriz Kimpa Vita (1684-1706) foi e não foi cristã porque era mulher, negra e do Congo e então o evangelho de Jesus tinha que ter essa cor, esse gênero e essa geografia marcadas pelo colonialismo. Kimpa Vita questionou os desmandos brancos, denunciou a hipocrisia da evangelização europeia que convivia com o tráfico de escravos. Acolheu o cristianismo, mas o fez do seu modo: escolheu os materiais que queria, aqueles que podiam contribuir para a vida, a unidade e a liberdade de seu povo.

Kimpa Vita indigenizava completamente a religião cristã, chegando a afirmar que Santo Antonio, tal como Jesus, Maria e José, era negro e do Congo, e que um futuro profeta nasceria em África para instaurar na terra o verdadeiro cristianismo no qual todos os seres humanos seriam iguais.²

Kimpa Vita faz sua trajetória teológica e espiritual afirmando-se como Nganga Marinda – uma profetisa e visionária; ela anunciava que Jesus nasceu em Mbanza Kongo e foi batizado não em Nazaré, mas na província nortenha de Nsundi, enquanto a mãe de Maria era escrava do nobre Kongo Nzimba Mpangi. A teologia e a eclesiologia de Kimpa Vita tiveram um impacto importante nas populações do Congo, despertando a resistência contra os colonizadores (poder político e igreja)³.

Dona Beatriz/Kimpa Vita e seus seguidores ocuparam brevemente Mbanza Kongo, de onde ela enviou emissários para espalhar seus ensinamentos e exortar os governantes dos territórios divididos do Congo a se unirem sob um rei. Em 1706, no entanto, ela foi capturada pelo rei Pedro II e queimada como herege a mando de monges capuchinhos⁴.

As mulheres cristãs em África têm estas trajetórias iluminadas, resistentes e mortalmente difíceis. Ainda hoje. Vou aprendendo com estas mulheres em Angola e ouvindo suas perguntas e

¹ Baseado livremente no livro de KILELE, Jemadari Vi-Bee-Kil. **The Passion of Kimpa Vita**. Estados Unidos da América; Canadá: Trafford, 2019. Disponível em: https://play.google.com/store/books/details/The_Passion_of_Kimpa_Vita?id=9xuFDwAAQBAJ&hl=en_US&gl=US&pli=1. Acesso em: 29 out. 2022.

² SARRÓ, Ramon; BLANES, Ruy Llera. O Atlântico cristão. Apontamentos etnográficos sobre o encontro religioso em Lisboa. In: VILLAVÉRDE, Manuel Cabral *et al* (org.). **Itinerários: a investigação nos 25 anos do ICS**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008. p. 839-854. p. 846. Disponível em: https://www.academia.edu/9831544/Itiner%C3%A1rios_A_investiga%C3%A7%C3%A3o_nos_25_anos_do_ICS_org_. Acesso em: 27 out. 2022.

³ Para saber mais: KIMPA Vita: The Mother of the African Revolution (English Trailer). **Youtube**, 30 set. 2016. Vídeo on-line son. color. (3min34s), publicado pelo canal Labson Bizizi-Cine Kongo. Disponível em: <https://youtu.be/KT75B30PUR4>. Acesso em: 29 out. 2022.

⁴ BORTOLOTT, Alexander Ives. Women Leaders in African History: Dona Beatriz, Kongo Prophet. **Heilbrunn Timeline of Art History**, New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000. Disponível em: https://www.metmuseum.org/toah/hd/pwmn_4/hd_pwmn_4.htm. Acesso em: 27 out. 2022.



procurando por respostas próprias de uma teologia de mulheres numa teologia africana. Apresento aqui minhas leituras e entendimentos: provisórias e agradecidas.

Ser mulher em África

Em África a desigualdade de gênero, como opressão contra as mulheres, manifesta-se de modo diverso em diferentes regiões do continente; uma síntese inicial poderia ser apresentada nas seguintes práticas – alimentadas pelo que se considera tradição africana reforçada pelo colonialismo patriarcal:

- 1) Práticas tradicionais prejudiciais que afetam as mulheres, como a mutilação genital feminina e práticas de parto prejudiciais que se traduzem como violência obstétrica;
- 2) Tabus alimentares (não é permitido comer certos alimentos ou algumas partes de carne mais seletas, como moela);
- 3) Casamentos precoces de meninas;
- 4) Prostituição forçada de meninas para sobrevivência econômica da família;
- 5) Trabalho infantil forçado de meninas;
- 6) Meninas-soldados/combatentes forçadas em conflito;
- 7) Escarificação da face na infância da menina;
- 8) Preferência do filho do sexo masculino sobre a filha do sexo feminino;
- 9) Acesso desigual à educação (a educação de meninas foi suprimida/negada);
- 10) Negação dos direitos de herança de propriedade à filha/filha;
- 11) Práticas ilícitas de viuvez – como tratamento desumano e degradante de mulheres que perderam seus maridos;
- 12) Exclusão das mulheres da governança e das políticas socioeconômicas;
- 13) Negação dos direitos à saúde reprodutiva das mulheres;
- 14) Estupro sexual de diversas formas (estupro conjugal etc.);
- 15) Marginalização política das mulheres na África (não implementação de direitos afirmativos de gênero na política etc.);
- 16) Violência eleitoral e invisibilização política da mulher;
- 17) Preconceito embutido contra as mulheres no sistema legal e outras associações profissionais;

18) Dogma patriarcal e interpretação tendenciosa da cosmologia cultural africana e ontologia da igualdade de gênero;

19) Apedrejamento de mulheres até a morte como resultado de adultério de suposto⁵.

Em Angola esta situação se mostra presente, mas sendo necessário levar em consideração elementos da cultura Bantu:

A cultura bantu representa a marca específica das populações da África negra e tem grande influência na vida comunitária em Angola, em particular no contexto rural, ainda relativamente preservado da influência cultural resultante da colonização, da modernização e da globalização. No geral, essa cultura é caracterizada por: regime de patriarcado e gerontocracia, com prevalência do poder dos homens e dos anciãos, sendo estes considerados fonte normativa da vida da comunidade; papel secundário da mulher nas sociedades patriarcais: esta serve o homem e influi apenas no contexto privado, na gestão do lar, onde assume função relevante como esposa, mãe e educadora.⁶

Atualmente, frente aos novos desafios que as sociedades enfrentam, a mulher deixou de ser vista apenas a partir do seu lugar tradicional como dona de casa ou gestora do lar. Nestas últimas décadas, houve um aumento considerável do número de mulheres a ingressarem no mercado de trabalho. Esse novo desafio modificou a estrutura familiar e tornou os papéis desempenhados pelas mesmas muito mais complexos; agora, as mulheres possuem não só responsabilidades familiares, mas, também, profissionais.

As instituições formais (escolas, universidades, políticas públicas) têm promovido durante a última década em Angola a promoção e emancipação da mulher na partilha de poder nos diferentes setores-chaves da sociedade, tais como no desporto, na política, na vida económica etc., mas, nota-se ainda, uma certa resistência e pouca abertura no setor religioso. É provável que a não aceitação de pastoras na liderança das igrejas locais tenham como impulso a rigidez dos costumes tradicionais das culturas locais, fundamentados nos machismos e no autoritarismo que limitam de tal maneira o espaço social e restrições às mulheres na sociedade angolana, também no espaço das igrejas.

A teóloga Muse Dube alerta:

⁵ CASIMIR, Ani; EMMANUEL, Ome; OKPARA, Maudline. African Women, the Vision of Equality and the Quest for Empowerment: Addressing Inequalities at the Heart of the Post-2015 Development Agenda and the Future. *Open Journal of Philosophy*, v. 3, n. 4, p. 466-474, 2013. Disponível em: https://www.scirp.org/pdf/OJPP_2013101013265699.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

⁶ SILVA, Eugénio Alves da; CARVALHO, Maria João de. Educação em Angola e (des)igualdades de género: quando a tradição cultural é factor de exclusão. In: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10, 2009, Braga. *Actas [...]*. Braga: Universidade do Minho, 2009. p. 2401-2416. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/16492/1/EDUCA%C3%87AO%20ANGOLA%20DESI%20GUALDADE%20GENERO.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

O cristianismo africano é uma instituição vibrante que abriga milhões de mulheres e homens, prega salvação, redenção, cura, libertação e capacitação para seus membros. A menos que o Cristianismo Africano investigue completamente como o gênero afeta seus membros e as estruturas da Igreja Africana, então seu negócio central de salvação, redenção, cura e libertação de poderes negativos não será realizado por todos os seus membros.⁷

Para pensar a participação ativa e igualitária das mulheres na igreja é preciso perguntar pela **eclesiologia**, o modo de organização das igrejas, sua relação com a cultura e o imaginário das comunidades e de que maneira elas expressam a igualdade de gênero ou reproduzem as desigualdades, muitas vezes, em nome de Deus.

Elisabeth Schüssler Fiorenza organizou esta busca das mulheres nas igrejas cristãs como a *Ekklesia das Mulheres*⁸.

- Não se trata de uma igreja que exclua os homens, invertendo a situação que vivemos hoje;
- Viver a igreja como comunidade de iguais em todos os âmbitos... também nas relações de gênero;
- Não se reduz a defender a integração das mulheres na igreja e na hierarquia patriarcais;
- Como filhas e filhos da Sabedoria Divina somos a ekklesia de mulheres, a assembleia de cidadãs adultas e livres que têm o direito e o dever de decidir a respeito de nosso próprio futuro religioso⁹;
- Precisamos ser reconhecidas como sujeitos humanos e eclesiais com direitos e dignidade iguais, ao invés de permanecer objetos da teologia senhorial;
- Denunciar o pecado estrutural e pessoal do sexismo senhorial e reclamar nossa dignidade, nossos direitos e nossas responsabilidades eclesiais;
- Denunciar que a igreja entendida como hierarquia clerical-patriarcal não só exclui as mulheres da liderança, mas também engendra um sistema simbólico centrado nos homens da elite, para legitimar suas estruturas senhoriais;
- A imagem da igreja como família ampliada reforça as estruturas patriarcais na família e na igreja. É preciso buscar outros símbolos e imagens para falar da igreja como comunidade de iguais;

⁷ DUBE, Musa. **Gender and the Bible in African Christianity**. 2018. p. 144. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Musa-Dube/publication/324091898_15_GENDER_AND_THE_BIBLE_IN_AFRICAN_CHRISTIANITY/links/5abd6be0aca27222c7558e05/15-GENDER-AND-THE-BIBLE-IN-AFRICAN-CHRISTIANITY.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

⁸ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. Rumo ao Discipulado de Iguais: a Ekklesia de Mulheres. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 36, n. 3, p. 281-296, 1996. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/836. Acesso em: 27 out. 2022.

⁹ AZCUY, Virginia R., BEDFORD, Nancy E., BACHMANN, Mercedes L. García. **Teología feminista a tres voces**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, [s.d.]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=9563570804>. Acesso em: 27 out. 2022.



- Essa visão democrática radical de igreja inscrita nos escritos bíblicos gerou repetidamente movimentos eclesiais de renovação em protesto contra a forma hierárquica/monárquica de igreja;
- A igualdade, a liberdade e a democracia não podem ser realizadas se as vozes das mulheres não são levantadas ou não são ouvidas e consideradas na luta por justiça e libertação para todo o mundo, independentemente de sexo, classe, raça, nacionalidade ou religião;
- Esperança de um mundo e uma igreja diferentes, de justiça, igualdade e bem-estar, que são sustentadas pela Sabedoria Divina, não só fazem de nós sonhadoras idealistas, mas também reúnem a ekklesia de mulheres como um movimento e uma visão das pessoas que se juntaram para transformar esse sonho em realidade.

Essa busca de uma igreja inclusiva e de plena participação das mulheres que acontece em todo o mundo tem, entretanto, um caminho próprio em África, de modo especial em Angola, considerando que a relação teologia/cultura não pode ser absolutizada nem idealizada.

A autocompreensão teológica da comunidade cristã primitiva e o seu caráter inclusivo de que o chamado divino rompia todos os limites de religião, classe, raça e sexo, expressa em muitos textos do Primeiro Testamento, impediu que a Igreja derivasse completamente sua identidade cristã da antropologia cultural e das estruturas comunitárias das sociedades em que ela se estabelecia.¹⁰

Em África estas perguntas e processos de uma igreja de plena participação das mulheres também no ministério pastoral tem uma longa caminhada que ainda hoje se apresenta como desafio. Purity Malinga, em setembro de 2020, foi a primeira mulher eleita para liderar a Igreja Metodista da África do Sul. “A humanidade das mulheres é diminuída a cada dia em nossa sociedade e nas igrejas. Se de fato acreditamos que como igreja somos chamadas a proclamar o evangelho que cura e transforma, é hora de agir.”¹¹

Os movimentos de mulheres nas igrejas e de teólogas em particular vem desenvolvendo um longo processo de estudo, vivência e de criação de espaços de avaliação e implementação de formas mais participativas para as mulheres nas igrejas cristãs em África.

¹⁰ CUNHA, Elenira Aparecida. Espiritualidade Feminista e a Vida da Mulher: Escolhe, pois, a Vida! [Dt 30,19]. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 97-110, 2008. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/337>. Acesso em: 27 out. 2022.

¹¹ BROWN, Ryan Lenora. In South Africa, female ministers have a message: It's time for equality. **The Christian Science Monitor**, Johannesburg, 12 ago. 2020. On-line. Disponível em: <https://www.csmonitor.com/World/Africa/2020/0812/In-South-Africa-female-ministers-have-a-message-Its-time-for-equality>. Acesso em: 27 out. 2022.

Um caminho ecumênico: o Círculo

Em 2022, organizada pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em parceria com o Desmond Tutu Centre for Religion and Social Justice da University of Western Cape, na África do Sul, a consulta “Ecumenical Women Church Leaders Initiative Consultation” ofereceu treinamento de capacitação e abordagens de liderança para líderes de igrejas na África¹².

Lamentamos o sofrimento de mulheres e meninas perpetrados sob o sistema opressivo do patriarcado sustentado pela religião e pela cultura. Onde há justiça hoje para as mulheres que vivem diariamente com medo de que corram o risco de serem estupradas por aqueles em quem confiam?¹³

A partir das realidades diversas das mulheres nas igrejas africanas, os objetivos estabelecidos para o encontro e reflexão foram:

- Considerar as longas e árduas jornadas individuais e coletivas em direção à liderança eclesial;
- Celebrar as mulheres pioneiras que abriram caminhos para a eleição e consagração de mulheres a cargos de autoridade eclesial;
- Contemplar o fardo duplo único e a bênção de ser "as primeiras" que vêm com desafios e oportunidades que exigem orientação;
- Coletar lições importantes daquelas que trilharam o caminho da liderança antes de nós;
- Mapear criticamente estratégias e abordagens para lidar com injustiças, exclusão e marginalização contínuas das mulheres;
- Curar, criando espaços de alegria, descanso e esperança em meio aos desafios;
- Criar uma rede de irmandade recíproca e respeitosa, que valorize espaços de afirmação, transformação e justiça; e
- Comprometer-se a tirar as lições profundas desta consulta e convidar o Conselho Mundial de Igrejas e a All Africa Council of Churches a incluir em seu trabalho programático as oportunidades de estudo e formação de lideranças de mulheres em África.

¹² STATEMENT from the Inaugural Consultation of the World Council of Churches' Ecumenical Women's Initiative for Leadership and Learning (WE WILL). **World Council of Churches**, Geneva, 19 maio 2022. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/resources/documents/women-church-leaders-consultation-may-2022>. Acesso em: 27 out. 2022.

¹³ AFRICAN women church leaders: “Where is there justice today?” **World Council of Churches**, Geneva, 24 maio 2022. On-line. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/news/african-women-church-leaders-where-is-there-justice-today>. Acesso em: 27 out. 2022.

As mulheres também discutiram a importância de compartilhar poder, autoridade e responsabilidade de forma justa, transparente e colaborativa, além da importância de uma formação teológica própria: africana e de mulheres.

Por uma teologia e uma igreja circular

As teólogas africanas estão organizadas, além de suas denominações e instituições teológicas, no Círculo:

O objetivo principal do Círculo é o de investigar as teologias das mulheres africanas, registrar e publicar as suas pesquisas neste domínio. O Círculo foi lançado oficialmente em Gana em 1989. O discurso de abertura proferido por Mercy Oduyoye marca a gênese da Teologia da Mulher Africana ou Teologia Feminista Africana.¹⁴

O Círculo aborda a questão da libertação das mulheres a partir de uma perspectiva africana e não se baseia em um conceito ocidental¹⁵. Zorodzai Dube, uma teóloga sul africana, apresentando o CIRCLE – Circle of Concerned African Female Theologians (Círculo de Teólogas Africanas) apresenta algumas das preocupações significativas, como por exemplo¹⁶:

- A maneira pela qual a cultura africana encontra esconderijo na cultura patriarcal bíblica;
- A necessidade de uma abordagem construtivista de gênero, argumento que a Bíblia vem de uma cultura patriarcal e, portanto, os exegetas devem estar cientes das importações culturais que oprimem as mulheres;
- Há necessidade de fazer a crítica da cultura que está por trás e refletida na Bíblia. A mesma cautela é necessária em relação à nossa própria cultura;
- A leitura da Bíblia que empodera as mulheres deve começar por identificar os desafios contextuais que oprimem, como o casamento forçado de mulheres e crianças, a exclusão da educação entre outras.

O Círculo se propõe a recriar e recuperar as histórias das mulheres para que elas se tornem parte integrante e importante da história da Igreja e da África como um todo. O Círculo está inserido no contexto ecumênico e multirreligioso de África e suas participantes. Esta pluralidade e diversidade também faz parte da sua metodologia. Neste sentido, os processos de ordenação

¹⁴ KANDJIMBO, Luís. Mercy Oduyoye, a decana das teólogas africanas e suas discípulas. **Jornal de Angola**, 4 out. 2020. On-line. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=459696>. Acesso em: 27 out. 2022.

¹⁵ FIEDLER, R. N.; HOFMEYR, J. W. The conception of the circle of concerned African women theologians: Is it African or Western? **Acta Theologica**, Bloemfontein, v. 31, n. 1, p. 39-57, 2011. Disponível em: <https://www.ajol.info/index.php/actat/article/view/67281>. Acesso em: 28 out. 2022.

¹⁶ DUBE, Zorodzai. The African Women Theologians' contribution towards the discussion about alternative masculinities. **Verbum et Ecclesia**, Pretoria, v. 37, n. 2, p. 1-6, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4102/ve.v37i2.1577>. Acesso em: 28 out. 2022.

ministerial de mulheres têm histórias distintas em África e diversos contextos de obstáculos e estratégias de superação.

Em seus esforços para preparar as mulheres para a ordenação e liderança da igreja, o CÍRCULO fez uso da estratégia de aumentar o número de mulheres com formação teológica. Isso foi iniciado em uma época em que várias igrejas ainda não ordenavam mulheres ao sacerdócio. Como resultado, o número crescente de mulheres com educação teológica criou e continua a criar a pressão necessária sobre a igreja para passar de simplesmente ter 'cláusulas inclusivas' nas constituições para realmente começar a incluir praticamente as mulheres. Embora o processo de ordenar mulheres e abraçar mulheres na liderança da igreja esteja em andamento e em diferentes níveis para diferentes denominações, os esforços do CÍRCULO continuam a dar frutos, uma vez que o progresso necessário está sendo feito continuamente.¹⁷

Os desafios para as mulheres em Angola:

Adelaide Tomás Manuel, em seu trabalho de mestrado sobre a mulher na Igreja Congregacional em Angola, em especial o processo da formação pastoral, chama a atenção para diversos fatores existentes na cultura local angolana que mantém a subordinação das mulheres:

De uma forma geral, na organização social da Angola e da África, a representatividade das mulheres nos governos, era e continua a ser extremamente desproporcional em relação aos homens, apesar de seu papel preponderante em todas as esferas da vida.¹⁸

A literatura antropológica, em geral, aponta para o caráter patriarcal de quase todos os grupos étnicos na África de modo estrutural, isto é, tanto no modo de organização das instituições de governo como também no protagonismo de representação prioritariamente masculino, com relativamente poucas exceções¹⁹. Os cinco séculos de colonização e hegemonia do mundo ocidental norte-atlântico teve e tem como consequência para os povos dominados não somente a estrutura de supremacia racial branca – que se impôs com os processos do tráfico atlântico de escravos e as demais instituições que consolidaram a escravidão – mas, também, a supremacia masculina.

Significativamente, gênero e categorias raciais surgiram durante essa época como dois eixos fundamentais ao longo dos quais as pessoas foram exploradas, e sociedades, estratificadas... Na verdade, o privilégio de gênero masculino como

¹⁷ ORDINATION & Church Leadership. **Circle Kenya**, ©2022. On-line. Disponível em: <https://www.circlekenya.org/services/ordination-church-leadership/>. Acesso em: 28 out. 2022.

¹⁸ MANUEL, Adelaide Tomás. **A mulher Evangélica Congregacional em Angola: Análise do processo da formação pastoral da mulher no período de 1965-1975**. 2005. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005. p. 35. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/202>. Acesso em: 28 out. 2022.

¹⁹ MKHWANAZI, Fanie; KGATLA, Tias. The place of women ministers in the mission of the Methodist Church of Southern Africa. **Studia Historiae Ecclesiae**, Pretoria, v. 41, n. 2, p. 180-197, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.za/pdf/she/v41n2/12.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

uma parte essencial do *ethos* europeu está consagrado na cultura da modernidade.²⁰

Poderia se dizer que o encontro entre o colonialismo norte-atlântico e o cristianismo de missão reforçou tanto a segregação racial como a segregação de gênero. No encontro com estruturas locais de relações sociais de gênero as formas de subordinação das mulheres foram fortalecidas. Entretanto o pensamento feminista africano chama a atenção para a questão do caráter socialmente construído do gênero e por isso a “mulher” não é uma categoria universal. Neste sentido, os debates e contribuições do feminismo ocidental não podem forçar suas categorias para a reflexão partir das realidades das mulheres africanas. A perspectiva feminista não pode ser somente de participar com igualdade do poder dos homens, mas de reimaginar os ministérios a partir dos desafios e sabedorias das mulheres angolanas.

A partir de minhas leituras e convivências organizo o que poderia se chamar *uma eclesiologia feminista africana* que dialogue criticamente com as culturas africanas e que poderia ter as seguintes características:

1) Comunidade ampliada e matripotência: Os conceitos feministas ocidentais estão enraizados sobre a família nuclear – que é próprio da cultura ocidental, cristã e branca.

A família nuclear, porém, é uma forma especificamente euro-americana; não é universal. Mais especificamente, a família nuclear continua a ser uma forma alienígena na África, apesar da sua promoção pelos Estados colonial e neocolonial, agências internacionais de (sub)desenvolvimento, organizações feministas, organizações não-governamentais (ONGs) contemporâneas, entre outros.²¹

A família nuclear faz parte do projeto de evangelização e cultura das missões ocidentais em África; também o modelo eclesial e ministerial está fundado numa compreensão de igreja como núcleo familiar e a natural liderança da figura patriarcal – o pai na casa, o pastor/padre/bispo na igreja. Entretanto, esta formulação social não respeita nem se sustenta nos modos de organização da vida nas diversas culturas em África, o que torna os modelos de igreja inadequados e sustentados pela supremacia “cultural”.

A família lorubá tradicional pode ser descrita como uma família não-generificada. É não-generificada porque papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero. Então, significativamente, os centros de poder dentro da família são difusos e não são especificados pelo gênero. Porque o princípio organizador

²⁰ OYĒWŪMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero:** os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. 2004. p. 1. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_conceitualizando_o_g%C3%AAnero._os_fundamentos_euroc%C3%AAtrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

²¹ OYĒWŪMÍ, 2004, p. 4.



fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero, as categorias de parentesco codificam antiguidade, e não gênero.²²

A matripotência descreve um outro papel cultural da maternidade que não pode ser reduzida aos modos ocidentais de família nuclear. **Matripotência** descreve os poderes, espirituais e materiais, decorrentes do papel procriador da Mãe (biológica e cósmica) O *ethos* matripotente expressa o sistema de antiguidade em que a mãe é a idosa venerada em relação aos filhos. Como todos os humanos têm uma mãe, todos nós nascemos de uma mãe, ninguém é maior, mais velho ou mais sênior que a mãe. Pensar uma igreja matripotente coloca muitos desafios de superação do lugar das mulheres na igreja, em especial das mulheres mais velhas.

Em Angola, como de resto na maior parte das famílias africanas Bantu, a mãe tem um papel quase insubstituível na guarda, na proteção e fortalecimento dos laços familiares que se desenvolvem dentro do agregado familiar. Ao longo das últimas décadas, por consequência do conflito armado, dos seus efeitos diretos e indiretos, a família conheceu níveis de desestruturação que afetaram gravemente o papel da mãe.²³

2) Uma igreja ubuntu: Uma eclesiologia africana deve tomar em conta estas realidades plurais das culturas locais e denunciar as tentativas de universalizar o debate. O anseio das mulheres africanas não se expressa da mesma forma que o debate e o processo das mulheres ocidentais; a ordenação ministerial para as mulheres africanas tem outros contornos e exigências, em especial o de plena expressão e participação na vida comunitária.

A teologia africana dá importante significado à comunidade: ubuntu – eu sou porque nós somos. Uma eclesiologia africana precisa rever os traços de imposição dos modelos ocidentais de missão e se abrir para o discernimento dos modos culturais libertadores de organização e igualdade da vida da comunidade em África. Muitas vezes, a versão de comunidade é idealizada sem fazer a crítica dos modelos impostos em que as relações de gênero e de geração não dialogam com as culturas locais. Examinar esses aspectos, que negam às mulheres africanas a plena humanidade para o bem não só dos núcleos familiares, mas o bem-estar de toda a comunidade ampliada. Para John Mbiti, a comunidade africana é o lugar onde os valores tradicionais florescem e a boa vida é plena. Na teologia africana, o grupo de parentesco é muito importante e a individualidade de uma pessoa é cumprida em relação aos outros e viver em comunidade é o mesmo para mulheres e homens²⁴.

²² OYĒWÚMÍ, 2004, p. 6.

²³ O DIA da Mãe. **Jornal de Angola**, 6 maio 2019. On-line. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/o-dia-da-mae/>. Acesso em: 28 out. 2022.

²⁴ MBITI, John S. **African Religions & Philosophy**. 2. ed. rev. London: Heinemann, 1999. Disponível em: https://books.google.co.ao/books?id=eTUpo9IH-fYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 27 out. 2022.



A teologia da mulher africana, exemplificada por Oduyoye e Hinga, reimagina a comunidade como aquelas com relacionamentos que abraçam a reciprocidade, mutualidade, parceria e denunciam hierarquias que promovem relações de poder entre homens e mulheres. A teologia das mulheres africanas afirma um relacionamento com os homens africanos. Nesta teologia, as mulheres trabalham em cooperação com os homens de boa vontade para a reconstrução de uma práxis cultural e religiosa de igualdade.²⁵

Na busca de uma eclesiologia africana de igualdade de gênero se poderia reconhecer o chamado de Sotunsa Mobolanle Ebunoluwa para pensar a plena participação das mulheres considerando criticamente as culturas africanas e suas outras formas de organização, imaginário cultural e socialização de papéis entre homens e mulheres sem copiar ou imitar as resoluções do feminismo ocidental:

[...] deve incluir uma abordagem dialógica, uma apreciação saudável das culturas africanas, o reconhecimento da heterogeneidade destas, estratégias realistas e robustas, despidas de agressividade desnecessária, e a centralidade da família ampliada, do matrimônio e da maternidade como experiências positivas para as africanas, com base de que podemos diversificar a teoria feminista para atender as necessidades específicas das africanas, em que o discurso de gênero será salvo de se tornar algo irrelevante, estático, rígido e dogmático e, assim, esperançosamente contribuir para resolver os numerosos problemas das mulheres africanas em África.²⁶

3) O poder que circula onde quer: Outra questão importante a ser considerada é a forma de resistência das culturas orais africanas que permaneceram potentes. Segundo Musa Dube:

O cânone oral africano seria assim trazido e lido com o texto bíblico, como muitos estudos sobre Igrejas Independentes Africanas atestam. Um desses indicadores seria a ênfase no Espírito e a reivindicação do Espírito como agente de capacitação. O Espírito capacitaria as mulheres a reivindicar posições de poder, para se tornarem profetas e fundadores de igrejas, e reivindicar ter ouvido o chamado de Deus para o ofício de ordenação. Kimba Vita, a mulher congoleza considerada a mãe fundadora da África Igrejas independentes, por exemplo, afirmava que o Espírito de São Patrício estava sobre ela, dotando-a de uma voz profética contra o cristianismo colonial que encheu as igrejas com imagens brancas de personagens bíblicos. Ela declarou essas imagens brancas como ídolos inaceitáveis, enquanto afirmava que Jesus e seus discípulos eram negros!²⁷

A importância da oralidade nas culturas angolanas é bem reconhecida. Uma igreja de escuta, de respeito dos saberes orais transmitidos pela memória e por mecanismos informais entre as mulheres é uma característica importante a ser reconhecida e valorizada. Neste sentido, significaria recuperar um aspecto importante da organização das comunidades primitivas dos Evangelhos: “As

²⁵ MASENO, Loreen. African women's theology and the re-imagining of community in Africa. **HTS Theologese Studies/Theological Studies**, Cape Town, v. 77, n. 2, p. 1-6, 2021. p. 5-6. Disponível em: <https://hts.org.za/index.php/hts/article/view/6736/19518>. Acesso em: 28 out. 2022.

²⁶ EBUNOLUWA, Sotunsa Mobolanle. **Feminismo**: a busca por uma variante africana. 2009. p. 7. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/sotunsa_mobolanle_ebunoluwa_-_feminismo._a_busca_por_uma_variante_africana.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

²⁷ DUBE, 2018, p. 149-150.



primeiras comunidades cristãs foram estruturadas e organizadas segundo os ditos orais de Jesus. Grande parte da população era iletrada e as parábolas foram essenciais para o entendimento e transmissão.”²⁸

Uma igreja de plena participação das mulheres precisaria valorizar, recuperar e criar espaços de teologia narrativa com capacidade também de formular os modos de ser igreja. O caráter patriarcal das Igrejas – também em África – repousa pela não-escuta do saber oral das mulheres. Os saberes das mulheres numa igreja de poder masculino sobredetermina a memória das mulheres (da maioria de leigos também). É preciso ter em conta que a memória de cada uma/um na relação com a memória coletiva é mediada pelas relações sociais de poder e gênero. Recuperar os saberes orais das mulheres significaria criar formas de participação e interação que garantam que “cada eu só ganhe consciência de si em comunicação com os outros”²⁹.

Nas palavras da poetisa Ana Paula Tavares: “A oralidade é meu culto. As mães embalam os filhos cantando ou dizendo palavras nas nossas línguas todas. Se os meus textos puderem ser lidos em voz alta fico muito contente.”³⁰

4) Da sabedoria das mais velhas para uma igreja sempre renovada: Perceber “as tensões próprias do ato de apropriação da escrita em espaços culturais marcados pela oralidade”³¹ e desenvolver uma teologia que não descarte nem seja indiferente, ao contrário, se alimente da sabedoria das mulheres mais velhas, a oralidade de um evangelho que conversa com a Bíblia, mas não se fecha nela. Uma teologia inclusiva para uma igreja inclusiva.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação de sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é a tradição oral. A tradição, pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para a outra.³²

²⁸ FACCIN, Débora. A importância da oralidade na difusão do cristianismo primitivo: uma análise segundo o livro Ato dos Apóstolos e as Epístolas paulinas. *Revista Alétheia*, Jaguarão, v. 1, n. 1, p. 78-90, jan./jul. 2017. p. 80. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Aletheia/article/view/114>. Acesso em: 28 out. 2022.

²⁹ CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001. (Coleção Opúsculos). p. 16. Disponível em: <https://doceru.com/doc/8vc0e8s>. Acesso em: 28 out. 2022.

³⁰ TAVARES, Ana Paula. “A oralidade é meu culto”, entrevista a Ana Paula Tavares. *Revista Buala*, 7 nov. 2010. Entrevista concedida a Pedro Cardoso. On-line. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-oralidade-e-meu-culto-entrevista-a-ana-paula-tavares>. Acesso em: 29 out. 2022.

³¹ FONSECA, Maria N. Soares. O Corpo Feminino da Nação. *União dos Escritores Angolanos*, Luanda, ©2015. On-line. Disponível em: <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/190-o-corpo-feminino-da-na%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 28 out. 2022.

³² VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 1 v. p. 139-166. p. 157. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000042767_por. Acesso em: 29 out. 2022.

Talvez a sugestão de Mbiti³³ sobre as três fontes da teologia africana escrita, oral e simbólica poderia oferecer um outro cenário de vida comunitária na integração dos saberes e linguagens e seus imaginários. Encontrar resistência, autocuidado e protesto nas tradições orais, que representam séculos de história e cultura africana, em especial da vida das mulheres que estão nas igrejas e não são escutadas com o cuidado devido. As tradições orais podem ser lugar de protesto, memória, diálogo e criação de alternativas para uma igreja inclusiva em África.

De acordo com Oduyoye³⁴, a teologia da mulher africana é uma teologia das relações que substituem hierarquias por mutualidade. Assim, as mulheres africanas teólogas defendem inequivocamente que as mulheres sejam incluídas na liderança da igreja. As teólogas africanas também defendem que as escrituras sejam lidas a partir de uma perspectiva que empodera as mulheres³⁵, uma hermenêutica que desafia a teologia tradicional que define uma pessoa de um ponto de vista patriarcal, considerando somente a experiência masculina. De acordo com Maponda os temas de gênero, justiça, ministério e cura são importantes na Bíblia e a hermenêutica do Círculo apresenta leituras que contribuem para erradicar a marginalização e vitimização de mulheres na igreja. Esta leitura crítica da Bíblia ajuda a igreja a desafiar estruturas que perpetuam a subjugação das mulheres, libertando homens e mulheres de todas as formas de opressão³⁶.

A teologia das mulheres também enfatiza a necessidade relevante de ouvir as mulheres contarem suas próprias histórias, por isso, é importante na teologia feminista africana ter como ponto de partida as experiências das pastoras contando suas próprias histórias de luta e resistência em meio às estruturas do patriarcado. A experiência das pastoras e das teólogas deve se relacionar também com a vida das mulheres leigas, suas vidas e suas contribuições importantes na vida da igreja³⁷.

³³ MBITI, 1979 *apud* RESANE, Kelebogile T. *Puo Pha!*: African theology is a public theology of dialogue. **die Skriflig**, Bloemfontein, v. 56, n. 1, a2859, 2022. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/2226/2073b61e5021da59f7d99365fef3ac80468a.pdf?_ga=2.227611993.553240542.1667914905-436658551.1667914905. Acesso em: 27 out. 2022.

³⁴ ODUYOYE, Mercy Amba. **Introducing African women's theologies**. London: Sheffield Academic Press, 2001. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=QtzznwyedZgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 28 out. 2022.

³⁵ DUBE, 2018.

³⁶ SPRONG, Jenette L. **"For healing and transformation"**: A feminist ecclesiological study on the gap between gender policy and practice in the Methodist Church of Southern Africa (MCSA). 2011. 228 p. Doctor of Philosophy – University of Kwazulu-Natal, Durban, 2011. Disponível em: https://researchspace.ukzn.ac.za/xmlui/bitstream/handle/10413/7869/Sprong_Jenette_Louisa_2011.pdf?sequence=1. Acesso em: 28 out. 2022.

³⁷ DUBE, Musa. Talitha Cum! Calling the Girl-Child and Women to Life in the HIV/AIDS & Globalization Era. *In*: DEGIGLIO-BELLEMARE, Mario; MIRANDA GARCÍA, Gabriela (ed.). **Talitha Cum!**: The Grace of Solidarity in a Globalized Geneva: World. World Student Christian Federation (WSCF) Publications, 2004. p. 8-26. Disponível em: <http://koed.hu/talitha/musa.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

Para continuar

Minhas vivências, escutas e leituras em Angola nos últimos três anos vêm abrindo oportunidades para conhecer mais as complexas culturas, os intrincados de relações de poder e a exuberância dos saberes dos povos em Angola, em especial das mulheres. Não é possível estabelecer o diálogo a partir das trajetórias latino-americanas, mesmo sabendo que muito da cultura Bantu e do povo angolano está presente no Brasil, mas, atravessadas pelo colonialismo, a escravidão e a violência que persistem ainda hoje – também nas teologias e nos modos de ser igreja.

Meu desejo é o de abrir caminhos de escuta e de vivência, de aprender a fazer uma teologia feminista que possa ser lida em voz alta... em que as mulheres se reconheçam. Estreitar os laços e as oportunidades entre as teologias feministas em África e na América Latina se faz necessário também na afirmação das matripotências do que podemos ser.

Referências

AFRICAN women church leaders: “Where is there justice today?” **World Council of Churches**, Geneva, 24 maio 2022. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/news/african-women-church-leaders-where-is-there-justice-today>. Acesso em: 27 out. 2022.

AZCUY, Virginia R., BEDFORD, Nancy E., BACHMANN, Mercedes L. García. **Teología feminista a tres voces**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, [s.d.]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=9563570804>. Acesso em: 27 out. 2022.

BORTOLOT, Alexander Ives. Women Leaders in African History: Dona Beatriz, Kongo Prophet. **Heilbrunn Timeline of Art History**, New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000. Disponível em: https://www.metmuseum.org/toah/hd/pwmn_4/hd_pwmn_4.htm. Acesso em: 27 out. 2022.

BROWN, Ryan Lenora. In South Africa, female ministers have a message: It’s time for equality. **The Christian Science Monitor**, Johannesburg, 12 ago. 2020. Disponível em: <https://www.csmonitor.com/World/Africa/2020/0812/In-South-Africa-female-ministers-have-a-message-it-s-time-for-equality>. Acesso em: 27 out. 2022.

CASIMIR, Ani; EMMANUEL, Ome; OKPARA, Maudline. African Women, the Vision of Equality and the Quest for Empowerment: Addressing Inequalities at the Heart of the Post-2015 Development Agenda and the Future. **Open Journal of Philosophy**, v. 3, n. 4, p. 466-474, 2013. Disponível em: https://www.scirp.org/pdf/OJPP_2013101013265699.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto Editora, 2001. (Coleção Opúsculos). Disponível em: <https://doceru.com/doc/8vc0e8s>. Acesso em: 28 out. 2022.

CUNHA, Elenira Aparecida. Espiritualidade Feminista e a Vida da Mulher: Escolhe, pois, a Vida! [Dt 30,19]. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 97-110, 2008. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/337>. Acesso em: 27 out. 2022.

DUBE, Musa. Talitha Cum! Calling the Girl-Child and Women to Life in the HIV/AIDS & Globalization Era. In: DEGIGLIO-BELLEMARE, Mario; MIRANDA GARCÍA, Gabriela (ed.). **Talitha Cum!**: The Grace of Solidarity in a Globalized Geneva: World. World Student Christian Federation (WSCF) Publications, 2004. p. 8-26. Disponível em: <http://koed.hu/talitha/musa.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

DUBE, Musa. **Gender and the Bible in African Christianity**. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Musa-Dube/publication/324091898_15_GENDER_AND_THE_BIBLE_IN_AFRICAN_CHRISTIANITY/links/5abd6be0aca27222c7558e05/15-GENDER-AND-THE-BIBLE-IN-AFRICAN-CHRISTIANITY.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

DUBE, Zorodzai. The African Women Theologians' contribution towards the discussion about alternative masculinities. **Verbum et Ecclesia**, Pretoria, v. 37, n. 2, p. 1-6, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4102/ve.v37i2.1577>. Acesso em: 28 out. 2022.

EBUNOLUWA, Sotunsa Mobolanle. **Feminismo**: a busca por uma variante africana. 2009. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/sotunsa_mobolanle_ebunolwua_-_feminismo._a_busca_por_uma_variante_africana.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

FACCIN, Débora. A importância da oralidade na difusão do cristianismo primitivo: uma análise segundo o livro Ato dos Apóstolos e as Epístolas paulinas. **Revista Alétheia**, Jaguarão, v. 1, n. 1, p. 78-90, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Aletheia/article/view/114>. Acesso em: 28 out. 2022.

FIEDLER, R. N.; HOFMEYER, J. W. The conception of the circle of concerned African women theologians: Is it African or Western? **Acta Theologica**, Bloemfontein, v. 31, n. 1, p. 39-57, 2011. Disponível em: <https://www.ajol.info/index.php/actat/article/view/67281>. Acesso em: 28 out. 2022.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. Rumo ao Discipulado de Iguais: a Ekklesia de Mulheres. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 36, n. 3, p. 281-296, 1996. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/836. Acesso em: 27 out. 2022.

FONSECA, Maria N. Soares. O Corpo Feminino da Nação. **União dos Escritores Angolanos**, Luanda, ©2015. Disponível em: <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/190-o-corpo-feminino-da-na%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 28 out. 2022.

KANDJIMBO, Luís. Mercy Oduyoye, a decana das teólogas africanas e suas discípulas. **Jornal de Angola**, 4 out. 2020. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=459696>. Acesso em: 27 out. 2022.

KILELE, Jemadari Vi-Bee-Kil. **The Passion of Kimpa Vita**. Estados Unidos da América; Canadá: Trafford, 2019. Disponível em: https://play.google.com/store/books/details/The_Passion_of_Kimpa_Vita?id=9xuFDwAAQBAJ&hl=en_US&gl=US&pli=1. Acesso em: 29 out. 2022.

KIMPA Vita: The Mother of the African Revolution (English Trailer). **Youtube**, 30 set. 2016. Vídeo on-line son. color. (3min34s), publicado pelo canal Labson Bizizi-Cine Kongo. Disponível em: <https://youtu.be/KT75B30PUR4>. Acesso em: 29 out. 2022.



MANUEL, Adelaide Tomás. **A mulher Evangélica Congregacional em Angola: Análise do processo da formação pastoral da mulher no período de 1965-1975.** 2005. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/202>. Acesso em: 28 out. 2022.

MASENO, Loreen. African women's theology and the re-imagining of community in Africa. **HTS Theologiese Studies/Theological Studies**, Cape Town, v. 77, n. 2, p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://hts.org.za/index.php/hts/article/view/6736/19518>. Acesso em: 28 out. 2022.

MBITI, John S. **African Religions & Philosophy.** 2. ed. rev. London: Heinemann, 1999. Disponível em: https://books.google.co.ao/books?id=eTUpo9IH-fYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 27 out. 2022.

MKHWANAZI, Fanie; KGATLA, Tias. The place of women ministers in the mission of the Methodist Church of Southern Africa. **Studia Historiae Ecclesiasticae**, Pretoria, v. 41, n. 2, p. 180-197, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.za/pdf/she/v41n2/12.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

O DIA da Mãe. **Jornal de Angola**, 6 maio 2019. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/o-dia-da-mae/>. Acesso em: 28 out. 2022.

ODUYOYE, Mercy Amba. **Introducing African women's theologies.** London: Sheffield Academic Press, 2001. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=QtzznwyedZgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 28 out. 2022.

ORDINATION & Church Leadership. **Circle Kenya**, ©2022. Disponível em: <https://www.circlekenya.org/services/ordination-church-leadership/>. Acesso em: 28 out. 2022.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.** 2004. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_conceitualizando_o_g%C3%AAnero._os_fundamentos_euroc%C3%AAntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

RESANE, Kelebogile T. *Puo Pha!*: African theology is a public theology of dialogue. **die Skriflig**, Bloemfontein, v. 56, n. 1, a2859, 2022. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/2226/2073b61e5021da59f7d99365fef3ac80468a.pdf?_ga=2.227611993.553240542.1667914905-436658551.1667914905. Acesso em: 27 out. 2022.

SARRÓ, Ramon; BLANES, Ruy Llera. O Atlântico cristão. Apontamentos etnográficos sobre o encontro religioso em Lisboa. In: VILLAVARDE, Manuel Cabral *et al* (org.). **Itinerários: a investigação nos 25 anos do ICS.** Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008. p. 839-854. Disponível em: https://www.academia.edu/9831544/Itiner%C3%A1rios_A_investigac%C3%A7%C3%A3o_nos_25_anos_do_ICS_org_. Acesso em: 27 out. 2022.

SILVA, Eugénio Alves da; CARVALHO, Maria João de. Educação em Angola e (des)igualdades de gênero: quando a tradição cultural é factor de exclusão. In: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10, 2009, Braga. **Actas [...]**. Braga: Universidade do Minho, 2009. p. 2401-2416. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/16492/1/EDUCA%C3%87AO%20ANGOLA%20DESIGUALDADE%20GENERO.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

SPRONG, Jenette L. **“For healing and transformation”**: A feminist ecclesiological study on the gap between gender policy and practice in the Methodist Church of Southern Africa (MCSA). 2011. 228 p. Doctor of Philosophy – University of Kwazulu-Natal, Durban, 2011. Disponível em: https://researchspace.ukzn.ac.za/xmlui/bitstream/handle/10413/7869/Sprong_Jenette_Louisa_2011.pdf?sequence=1. Acesso em: 28 out. 2022.

STATEMENT from the Inaugural Consultation of the World Council of Churches' Ecumenical Women's Initiative for Leadership and Learning (WE WILL). **World Council of Churches**, Geneva, 19 maio 2022. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/resources/documents/women-church-leaders-consultation-may-2022>. Acesso em: 27 out. 2022.

TAVARES, Ana Paula. “A oralidade é meu culto”, entrevista a Ana Paula Tavares. **Revista Buala**, 7 nov. 2010. Entrevista concedida a Pedro Cardoso. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-oralidade-e-meu-culto-entrevista-a-ana-paula-tavares>. Acesso em: 29 out. 2022.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. *In*: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 1 v. p. 139-166. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000042767_por. Acesso em: 29 out. 2022.

Recebido em: 11 out. 2022

Aceito em: 11 out. 2022